

NIETZSCHE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA FILOSOFIA QUESTIONADORA DA MORAL

Ac. Esp. Luciano Busato

Orientadora: Pro^{fa} Maria José Neto Andrade – DFIME - FUNREI

Resumo: Apresentar Nietzsche como o filósofo do questionamento da moral, citando e comentando alguns dos temas por ele abordados onde se explicita a necessidade de busca constante em que deve estar o homem ao longo de toda a sua vida. Apropriar-se do questionamento do filósofo acerca de alguns temas de seu tempo e que são freqüentemente apresentados à nossa consciência e aos quais somos impelidos a investigar ininterruptamente, buscando respostas a cada dia mais apropriadas à nossa condição humana.

Palavras-Chave: Moral nobre. Moral escrava. Adolescência.



Abstract: To present Nietzsche as the philosopher that questions the morals, mentioning and commenting some of the themes for him approached where if explicit the need of constant search in that should be the man along all your life. To appropriate of the philosopher's inquiries concerning some themes of your time and that are frequently presented to our conscience and the which we are impelled to investigate without interruption, looking for answers every more appropriate day to our human condition.

Key words: Noble morals. Slave Morals. Adolescence.

Introdução

O propósito deste artigo é fazer uma abordagem genérica de alguns temas debatidos por Nietzsche em suas obras. Procuraremos analisar brevemente alguns temas mais específicos em que o autor aprofundou-se, observando o conjunto de sua obra visualizando a preocupação, às vezes excessiva do autor, em derrubar conceitos estabelecidos, mesmo não tendo uma proposta clara sobre novos princípios a serem considerados no lugar daqueles a serem superados.

Obviamente que não temos o objetivo de vasculhar toda a filosofia de Nietzsche. Longe de nós tal pretensão. A idéia aqui é identificar alguns tópicos

de sua filosofia com a dificuldade natural do ser humano, especialmente na adolescência, de lidar com princípios éticos estabelecidos bem como hábitos sociais, culturais e religiosos vigentes em nossas sociedades. Isso é bem próprio da adolescência do homem. É necessário que deixemos claro que essa não é uma comparação absoluta. Podemos constatar no comportamento do jovem contradições próprias de sua fase de desenvolvimento, tais como sua identificação com os demais de sua idade e grupo de convivência, e ainda com o fato de que muitas vezes o jovem apenas revela-se insatisfeito com aquilo que o circunda sem necessariamente estabelecer um comportamento de derrubada dos valores

vigentes e a construção de novos valores. Não é essa a proposta do trabalho, mas sim identificar o pensamento de Nietzsche com a constante insatisfação do espírito jovem com aquilo que lhe é imposto como forma correta de comportamento e de crença.

Por que comparar a filosofia de Nietzsche com a fase da juventude humana? Fato é que em nenhuma outra fase da vida o homem questiona tanto os valores estabelecidos externamente para ele. Isso é próprio daquele que não aceita cegamente tais valores. O jovem é alguém que sempre está questionando e tentando construir novas respostas para questões nem sempre novas. Por isso identificamos a filosofia de Nietzsche com a juventude humana.

Mas o fato é que, habitualmente superamos essa fase de questionamentos e nos tornamos meros “bons cidadãos”. E Nietzsche? Não superou essa fase? Por que? Teria sido ele um eterno adolescente insatisfeito?

Passamos a partir de já a exemplificar e comentar alguns dos questionamentos de Nietzsche, procurando respostas para nossas perguntas.

1. Sobre o Espírito Livre

Bem próprio do espírito jovem é a idéia de que é possível e necessário destruir todos os valores estabelecidos. Essa visão em Nietzsche é fundamental pois é o cerne de toda a sua filosofia. O fato de estar sempre aberto ao questionamento dos valores estabelecidos é que vai transformando o homem em um ser cada vez mais único e afirmador da própria vida. Ser um espírito livre significa

estar sempre intranquilo e irremediavelmente em busca do novo. Isso pode ser visto em Humano, Demasiado Humano.

... Um súbito pavor e premonição contra aquilo que amava, um relâmpago de desprezo contra aquilo que para ela se chamava “dever”, um desejo tumultuoso, arbitrário, vulcânico, de andança, estrangeiro, estranhamento, resfriamento, sobriedade, enregelamento, um ódio ao amor, talvez um gesto e um olhar iconoclastas para trás, para ali onde ela até então rezara e amara. Com um riso maldoso ele revira o que encontra encoberto, poupado por alguma vergonha: ensaia como seria o aspecto dessas coisas quando viradas no avesso. É o arbítrio e gosto pelo arbítrio, se talvez ele dispensa agora seu favor ao que até então tinha má reputação – se ele, curioso e inquisidor, se esgueira ao redor do mais proibido. No fundo de sua agitação e errância – pois ele é intranquilo e sem rumo em seu caminho como em um deserto – estão ponto de interrogação de uma curiosidade cada vez mais perigosa.¹

O texto acima realça bem o aspecto da impetuosidade do filósofo e do jovem em geral. Demonstra nitidamente que o processo de derrubada dos valores estabelecidos obedece a um critério de questionamento do valor pelo valor. Segundo Roberto Machado, a filosofia de Nietzsche é: “fundamentalmente uma crítica das noções de verdade, bem e clareza como objetos de uma filosofia que ele caracteriza como metafísica e moral”.² A idéia é exatamente derrubar o que está construído sobre bases culturais que expressam conceitos pré-existentes e que não tenham uma

¹ NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5.ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Os pensadores) V. I p 43.

² MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 96.

vinculação com a afirmação da vida humana, para depois se construir algo afirmativo da vida e que possa permitir ao homem realizar aquilo que ele tem capacidade de fazer. E aqui não é possível nem avaliar esta atitude como boa ou má, pois o próprio Nietzsche abominaria tal classificação.

Ser um espírito livre em Nietzsche significa estar sempre aberto ao questionamento e nunca aceitar prontamente qualquer valor estabelecido externamente. Essa capacidade de manter-se ativo, questionador, insatisfeito é exatamente o nosso potencial para transformar o mundo e construir um novo homem.

2. Sobre as tradições a serem seguidas

Nietzsche discorre sobre a existência da moral como um contra-senso ao fato de o homem poder ser livre. Segundo ele, o homem livre é obrigatoriamente não-ético, pois para a sua concepção filosófica não é possível ficar-se seguindo tradições que não falem diretamente a cada homem. Nada que possa vir de fora do homem deve ter significado para ele. Vejamos o que ele diz em *Aurora*:

... O homem livre é não-ético, porque em tudo quer depender de si e não de uma tradição: em todos os estados primitivos da humanidade, "mau" significa o mesmo que individual, livre, arbitrário, inusitado, imprevisto, incalculável....O que é tradição? Uma autoridade superior, a que se obedece, não porque ela manda fazer o que nos é útil, mas porque ela manda. Em que se distingue o sentimento da tradição do sentimento do medo em geral? Ele é o medo diante de nada, diante de algo mais que pessoal – há superstição nesse medo. – Na origem, toda a educação e cuidado com a saúde, o

casamento, a arte de curar, a agricultura, a guerra...faziam parte do domínio da eticidade: ela exigia que se observassem prescrições, sem pensar em si como indivíduo. Na origem, portanto, tudo era costume, e quem queria elevar-se acima dele tinha de se tornar legislador e curandeiro e uma espécie de semideus: isto é, tinha de criar costumes – uma coisa terrível, perigosa para a vida....³

Nietzsche demonstra aqui uma preocupação fundamental com o fato de que as tradições são criadas para limitar a capacidade criativa e individual de cada pessoa. Não é uma preocupação infundada. Observando os hábitos e tradições em geral, podemos verificar que demonstram sempre uma tendência de uniformizar comportamentos, padronizando normas criadas a partir, em muitos casos, de crenças individualizadas ou carregadas de superstições difundidas por pequenos grupos ou por legisladores isolados. Ou seja, normas morais habitualmente criam comportamentos forjados por crenças de pequenos grupos que se consideram detentores da distinção entre o que é bom e o que é mal.

Apesar deste texto não querer entrar em maiores detalhes acerca do assunto, não podemos deixar de registrar que em diversos pontos de sua obra, Nietzsche salienta que o maior parte dos princípios morais do ocidente foi criado a partir de tradições judaico-cristãs que, ainda segundo o filósofo, tem sua base de assentamento na crença de que o homem ativo é mau e o homem passivo é bom, decorrendo daí uma inversão dos valores que deveriam reger nos-

³ NIETZSCHE. Obras incompletas. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5.ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1991. – (Os pensadores) v. I . p 115-116.

sas vidas. Tanto é que Nietzsche propõe uma transvaloração⁴ dos valores, ou seja, reversão dos falsos valores vigentes para outros mais adequados ao homem ativo.⁵

É ainda de importância capital estabelecer que Nietzsche é a favor daquilo que ele denomina “moral aristocrática” que é, segundo Roberto Machado “...uma ética do bom e do mau considerados como tipos históricos, como valores imanentes, como modos de vida; ética dos modos de ser das forças vitais que define o homem por sua potência, pelo que pode ser...”⁶ E isso pode ser entendido como uma concessão à possibilidade de existência de uma “moral sadia”, considerada em Nietzsche como aquela moral que afirma o homem e a vida.

3. Fazer ações divergentes: o desafio pode ser agradável

Nietzsche faz questão de mostrar que ações de cunho divergente daquelas culturalmente esperadas são de fundamental importância para a afirmação da vida. Ele nos diz que não é essencial quando fazemos exatamente aquilo que todos fizeram sempre. Agir de tal forma é um modo é tirar do homem sua função de agente de sua própria vida.

“... Agir, em questões do costume,

⁴ Transvaloração significa uma desvalorização dos valores dominantes na filosofia e uma valorização dos valores subordinados.

⁵ Homem ativo na concepção nietzscheana é aquele que é causa dos próprios atos e estes, efeitos de sua atividade, em oposição ao homem fraco e ressentido que procura transformar em força a própria fraqueza.

⁶ MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 69.

mesmo que uma única vez, contra seu melhor entendimento; quanto a isso, abandonar-se à praxe e reservar-se a liberdade espiritual. Fazer como todos e assim manifestar a todos uma gentileza e benefício, como quem em reparação pelo que há de divergente em nossas opiniões... e assim este leva seu filho ao batismo cristão e ao lado disso é ateu, e aquele presta serviço militar como todo mundo, por mais que maldiga o ódio entre os povos, e um terceiro corre com a mulherzinha para a igreja, porque ela tem uma parentela devota, e faz votos diante de um padre, sem se envergonhar.... “Não é essencial quando também um de nós faz o que todos fazem e sempre fizeram”... Todo respeito por vossas opiniões! Mas pequenas ações divergentes valem mais”.⁷

Impressionante este ponto de vista de Nietzsche. É muito simples o raciocínio desenvolvido. Não nos tornamos mais humanos e afirmativos ao agir de acordo com os princípios aos quais todos obedecem. Não podemos nos fixar única e exclusivamente nas tradições para agirmos. É fundamental que façamos uma busca daquilo que consideramos realmente importante e significativo. Não podemos nos ater apenas àquilo que todos acham ser o correto.

Entretanto, poderíamos nos perguntar se as ações divergentes não teriam um sentido exclusivamente destrutivo e, por isso mesmo, injustificável. Teríamos aqui uma simples ação anárquica, se assim o fosse. Nietzsche nos faz um convite ao questionamento constante das tradições estabelecidas por considerá-las transitórias. É preciso estar atento ao fato de que para o filósofo, nenhum valor estabelecido pode ser considerado

⁷ NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5.ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores) v. I. p. 131.

significativo em si. O que Nietzsche faz é exatamente mostrar que devemos estar sempre questionando, pois dentro dessa idéia de constante transição em que vive o homem, nada pode ser considerado absoluto e definitivo, até por que se assim fosse, a história humana já teria sido totalmente construída, fato que tornaria absolutamente inútil a continuação de nossa existência.

4. Sobre o Estado Mínimo

O questionamento recai aqui sobre a importância ou não do Estado. Nietzsche é bem claro acerca do tema. Segundo ele, o Estado acaba prejudicando a criatividade, o lado ativo humano, e o coloca à mercê da bondade e maldade do todo-poderoso como se fosse a sua função específica estabelecer a forma de conduta humana. Diz ele:

“... Paga-se caro demais pela “segurança geral” com esse preço: e, o que é mais maluco, produz-se com isso, além do mais, o contrário da segurança geral, como nosso querido século se encarrega de demonstrar: como se nunca tivesse sido demonstrado ainda! Tornar a sociedade segura contra o roubo e incêndio e infinitamente cômodo para todo comércio e tráfico, e converter o Estado em providência no bom e no mau sentido – estes são alvos inferiores, comidos e não totalmente indispensáveis, que não se deveriam perseguir com os mais altos meios e instrumentos que há em geral – os meios que justamente se teria de poupar para que os fins mais altos e mais raros! Nosso século, que tanto fala em economia, é um esbanjador: esbanja o mais precioso, o espírito.”⁸

Aqui se pode observar que Nietzsche tem uma aversão total ao Estado. Este é o estrangulador da capacidade

humana, seu elemento limitador e, como tal, não tem nenhuma utilidade e mais ainda, é função reservada a pessoas de cabeças pequenas.

Este raciocínio nos leva a pensar acerca dos governos que se estabeleceram e que ainda se estabelecem sobre os povos. Seriam eles governos baseados na força dos homens afirmativos ou sobre aqueles ressentidos e que se utilizam do poder e da força que o Estado lhes proporciona para subjugar e eliminar a criatividade humana nos seus diversos níveis? Aqueles que estão governando representam de fato os homens mais criativos e fortes ou são meros homens ressentidos que se estabelecem por meios da força e da estrutura de poder? Esse é o tipo de questionamento a que nos leva as lições de Nietzsche sobre a questão da existência dos governos e do Estado em si. E a conclusão a que podemos chegar é que de fato o Estado é em si pernicioso na medida em que limita a capacidade criativa das pessoas mas que pode tornar-se um meio eficaz de sustentação à afirmação da vida humana na medida em que possibilite ao homem toda a sua capacidade de criação.

E as leis, o que dizer delas então? Com certeza não são elas os degraus mais adequados à caminhada humana. Na realidade são obstáculos limitadores e castradores da capacidade, da versatilidade e das habilidades humanas. São camisas-de-força para o ser humano, estabelecidas para nivelar e igualar direitos culturalmente estabelecidos. Como poderia então qualquer espírito livre e jovem, especialmente o de Nietzsche concordar com a sua existência?

⁸ Ibidem. p. 132-133.

5. Sobre a religiosidade

A religiosidade tem em Nietzsche um crítico ferrenho. Não pode suportar ele que a visão do mundo seja retirada de seu foco legítimo pela idéia de que a verdade possa estar fora, em outro lugar senão aquele em que está o próprio homem. Não só a visão judaico-cristã, mas também toda a filosofia metafísica é vista por Nietzsche como elemento de alienação e de distanciamento entre o homem e sua verdade. Há em diversas passagens de sua obra a referência à religião e aos sacerdotes como elementos veiculadores do rancor e mesmo do ódio que destrói sem ser violento. E o que é pior, para Nietzsche tudo aquilo que não é afirmativo da vida é contra ela. E a religiosidade é essencialmente a negação deste mundo em busca de um outro que não aquele em que deve se assentar o próprio homem. Nietzsche classifica o cristianismo como “Platonismo para o povo”. Platonismo é metafísica. Nada mais abominável que isto para quem quer um homem comprometido com seu próprio cotidiano.

Mas afinal, quem de nós nunca questionou a religião e seus preceitos? Quem nunca teve a sensação de que tudo não passa de mero engodo e de uma grande fuga de nós mesmos? Quem não teve estes pensamentos, que atire a primeira pedra. Vejamos então:

“... poder-se-ia calcular o grau de seu desgosto pela vida considerando até que ponto desejam ver sua imagem falsificada, rarefeita, alienada no além, divinizada – poder-se-ia contar os *homines religiosi* entre os artistas, como uma categoria mais alta. É o profundo medo premonitório de um pessimismo incurável quer força milênios inteiros a se aferrarem com unhas e dentes a

uma interpretação religiosa da existência: o medo daquele instinto que presente que se poderia chegar à posse da verdade cedo demais, antes que o homem se tenha tornado forte o bastante, duro o bastante, artista o bastante. A devoção, a “vida em Deus”, considerada com este olhar, apareceria como o mais refinado e último rebento do medo da verdade, como adoração e embriaguez de artista diante da mais conseqüente de todas as falsificações...”.

“Se se põe o centro de gravidade da vida, não na vida, mas no “além” – no nada -, tirou-se da vida toda gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza que há no instinto – tudo o que é benéfico nos instintos, que propicia a vida, que garante o futuro, desperta agora desconfiança. Viver de tal modo, que não tem mais nenhum sentido viver, esse se torna agora o “sentido da vida”...O veneno da doutrina “direitos iguais para todos” foi o cristianismo que mais o disseminou; a todo sentimento de veneração e de distância entre homem e homem, isto é, ao pressuposto de toda elevação, de todo crescimento de civilização, o cristianismo fez uma guerra de morte...”⁹

Chama-nos a atenção aqui o como esse espírito de rebeldia contra a religiosidade é apresentado como construtor da vida. E ainda mais como o cristianismo é encarado como um negador em si pelo fato de pregar a igualdade entre as pessoas, fato que é aceito entre nós sem nenhuma reserva. Nietzsche não nos permite a aceitação da idéia judaico-cristã e metafísica de que aquilo que é a verdade está fora de nós e do nosso mundo. Não podemos conviver com a idéia da criação de um mundo paralelo onde exista a verdade e comungar a idéia de que todo o nosso mun-

⁹ NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. – (Os Pensadores) v. II. p. 57-58.

do e nós mesmos somos insignificantes. Segundo ele, essas visões levaram o homem ao niilismo, ou seja, à crença de que nada tem significado real, já que o verdadeiro mundo está lá fora, e não aqui mesmo.

Do ponto de vista de sua filosofia, Nietzsche é consistente ao afirmar que a religiosidade é a negação da vida, e tudo o que importa é a vida. O fato é que a busca da verdade, da salvação, do estar com Deus supõe que nos afastemos dos instintos primários de seres humanos e nos tornemos efetivamente meros seguidores de princípios morais limitadores de toda a criatividade e afirmação da vida. Sendo assim, nada mais anti-humano que a religiosidade e, por isso mesmo, um motivo de questionamento radical necessário.

6. Sobre o que é Nobre

Poderíamos afirmar que quase todos os jovens são incendiários. Não estamos nos referindo certamente à ação de provocar incêndios utilizando fogo, mas sim de ter o espírito inquieto que paira sobre a cabeça e o coração de cada um de nós, quando estamos passando pela fase de transição entre o ser criança e ser adulto. Quase sempre estamos testando os limites entre aquilo que é louvável, aquilo que é aceitável e o que é recomendável. Não nos conformamos com a aceitação pacata de normas de conduta. Desobedecemos pelo fato de estarmos descontentes com os padrões estabelecidos. Fato é que não aceitamos assumir comportamentos com os quais não nos identificamos. Não queremos ser iguais, queremos construir algo novo e queremos mais ainda nos afirmarmos no mundo. Isso é a juventude, isso é o

homem em construção. E isso reflete nossa busca por qual tipo de homens queremos ser. E essa ação de busca constante nos torna mais humanos e mais ligados à vida, à qual muitas vezes temos rejeitado em nome de hábitos e tradições pouco afinados com nossa condição humana. Vejamos:

Em uma perambulação através das muitas morais, mais refinadas e mais grosseiras, que até agora dominaram sobre a terra ou ainda dominam, encontrei certos traços retornando juntos regularmente e ligados um ao outro; até que, por fim, dois tipos fundamentais se denunciaram a mim, e ressaltou uma diferença fundamental. Há a moral de senhores e a moral de escravos: acrescento desde logo que, em todas as civilizações superiores e mais mistas, entram também em cena ensaios de mediação entre ambas as morais, e ainda mais freqüentemente a mescla de ambas e recíproco mal-entendido, e até mesmo, às vezes, seu duro lado-a-lado – até no mesmo homem, no interior de uma única alma. O homem de espécie nobre se sente como determinante de valor, não tem necessidade de ser declarado bom...O olhar do escravo é desfavorável às virtudes do poderoso: ele tem *skepsis* e desconfiança, tem refinamento de desconfiança contra todo o “bom” que é honrado ali – gostaria de persuadir-se de que, ali, a própria felicidade não é genuína.¹⁰

Nietzsche nos coloca aqui frente a um novo conceito. Distingue dois tipos de moral: a dos nobres e a dos escravos. A primeira é a criadora dos valores realmente afirmadores da vida e enobrecedores do homem, aquela que ao longo da história da humanidade tem sido subjugada e vista equivocadamente, segundo Nietzsche, como a moral a ser abandonada. A segunda é a moral que impera no mundo e que foi estabelecida a

¹⁰ Ibidem. p. 71-73

partir da fundamentação judaico-cristã e da filosofia metafísica e que retira de sobre os ombros do homem toda a sua responsabilidade, transformando-o num ser inerte.

Quem de nós não se perguntou se queremos ser bonzinhos e admiráveis aos olhos da sociedade mesmo que isto nos custe um comportamento falso ao longo de toda a vida? Ou se queremos construir tudo aquilo que desejamos mesmo que isso venha a ferir normas e interesses alheios? Quantas e quantas vezes não agimos apenas por mera formalidade social ou moral, mesmo nas atitudes íntimas em nossa vida privada? Mas, e sobre o que é ser verdadeiramente nobre? Será que já nos perguntamos alguma vez? Em Nietzsche não há dúvidas. Temos que subverter essa ordem moral onde os valores foram sendo transformados historicamente em defeitos a serem superados e os defeitos foram colocados como as virtudes a serem seguidas. Essa é a transvaloração de todos os valores.

Conclusão

Tentar fazer uma retrospectiva do pensamento de um filósofo que buscou ao longo de sua vida derrubar todos os conceitos estabelecidos, mesmo não tendo nenhuma fórmula especial a oferecer, é uma tarefa extremamente árdua. Falar de Nietzsche sem fazer uma reflexão profunda de nossas próprias convicções é praticamente impossível. Mesmo tentando ser imparcial e apenas ler o filósofo, somos compelidos a pensar no que ele está nos dizendo. Sim, pois Nietzsche nos constrange, nos força e nos obriga a questionar todos os nossos valores. E o que é mais importante: Não podemos dizer que

tratou de apenas alguns temas. Sua obra trata basicamente de todos os temas pertinentes ao seu tempo, mas também ao nosso tempo. Nos chama a atenção a todo momento para o fato de termos que nos construir sozinhos. Fugir de nós mesmos e buscar respostas fora é ser covarde, é fugir de si mesmo, é negar-se.

Dentre os diversos temas abordados, é bastante clara a sua disposição em não aceitar que qualquer valor moral possa ser originado a partir do que ele chama de moral de escravo, cuja predominância já foi destacada anteriormente. Ao fazer a genealogia da moral, Nietzsche deixa bem claro que a procedência dos princípios morais existentes no nosso mundo ocidental está associada às tradições judaico-cristãs e metafísicas que foram estabelecidas adotando-se a idéia de uma verdade fora do homem. Para Nietzsche, nada mais inaceitável. Cria a idéia de que o homem é limitado e tem vontade pré-determinada. Tira do homem a obrigação de construir a si próprio e o torna um mero objeto de comportamento condicionado. Não é nesse o homem que Nietzsche acredita. Acredita naquele ativo e não no homem reativo. Acredita no homem formador de novos valores e não naquele que se resigna em apenas aceitar aqueles já impostos.

Podemos questionar se a filosofia de Nietzsche é boa ou má, se é certa ou errada? Claro que não. Nietzsche não pode ser visto com nossos olhos metafísicos. Temos que nos descobrir do conforto de nossa sombra judaico-cristã e grega para pensar com ele. Dialogar com Nietzsche exige desprendimento e mente absolutamente aberta, afinal de contas não é missão de sua filosofia nos colocar

num confortável assento à beira do paraíso, mas sim nos jogar às turbulências do mar revoltado e dos ventos traiçoeiros. Conversar com ele pode nos obrigar a derrubar fronteiras e brigar com nossas crenças, mas com certeza nos fará ver que não podemos nos encolher e nos esconder. Temos que ser nós mesmos, sempre, incondicionalmente.

Tentando responder à questão inicial sobre ter sido Nietzsche um eterno adolescente. Entendemos que sim, mas não no sentido da inconstância, da incerteza e da contradição. Ser jovem no caso de Nietzsche, é estar sempre em busca de uma nova etapa. É não se conformar com o que está estabelecido em todos os campos. É ser sempre um questionador, de espírito aberto e livre e nunca se conformar com o conforto e a segurança daquilo que não foi construído para dignificar o próprio homem. Enfim, fazer filosofia a martelada, como

diria Nietzsche, é estar sempre aberto a si mesmo para derrubar tabus e preconceitos. Mas esta não é uma tarefa simples, conforme adverte Scarlet Marton: "... é preciso disciplina para desfazer-se de hábitos, abandonar comodidades, renunciar à segurança. É preciso estar sempre de sobreaviso, impedir a defesa de convicções, evitar a adoção de crenças."¹¹ Nem sempre resulta numa construção sólida posteriormente. E esse foi nosso propósito neste artigo: refletir sobre o que Nietzsche nos quer dizer e, quem sabe, até questioná-lo para construirmos algo propriamente nosso. E essa construção não é obrigação dele, e sim de cada um de nós.

¹¹ MARTON, Scarlet. *Nietzsche: A transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993. p. 75.

Referências Bibliográficas

MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

MARTON, Scarlet. *Nietzsche: A transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5.ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores) v. I

NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5.ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores) v. II.